1.º ANNO — Sabbado, 8 de agosto de 1908 — Numero 25

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	20 réis
Repetições	15 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

Um velho companheiro

O maior prazer para um homem, que chega á minha edade, é recordar o passado. E com que infinita saudade o faço! E' como que uma resurreição, alguma coisa que nos chama á vida, ao amor, á bondade, á belleza, á concordia, á fraternidade...

O Francisco de Moura formou, ao meu lado, nos primeiros tiros que disparei contra a monarchia. Era, como hoje, dotado da mesma bonhomia, da mesma serenidade que traduz uma forte convicção do espirito. Os annos e o rheumatismo embranqueceram-lhe os cabellos e transformaram-lhe o physico. Mas a psychologia em nada mudou. E' o mesmo *Xico* de outr'ora, como nós lhe chamavamos,—amoravel, bom e decidido.

Ha quantos annos o conheço, nem eu o posso, ao certo, dizer. Elle pertence á minha familia espiritual. A sua imagem tem vivido no meu coração, como n'um sacrario. No meu tempo de estudante, a sua pharmacia constituia para mim como que uma paragem obrigada. Nas permanencias que fazia, em Aveiro, durante as ferias academicas, a minha visita áquelle estabelecimento, representava como que uma devoção diaria. Era, talvez, uma egrejinha, de accordo! mas uma egrejinha de homens livres e não de beatos ou de jesuitas scelerados. A pharmacia do Francisco ficou com uma tradição republicana.

E póde bem imaginar-se com que enternecimento recordo esses tempos idos—ai de mim!—e com que effusão abraço o meu inolvidavel camarada. Na longa jornada da vida, para mim bem mais accidentada do que para elle, ficou em nós, porém, esta consolação: de nos termos mantido sempre no nosso posto e fieis ao nosso querido e amado ideal!

Lisboa—agosto—1908.

MAGALHÃES LIMA.

O *Democrata* presta hoje uma homenagem de justa consideração a um velho republicano que, em Aveiro, tem mostrado sempre, a par da sua austeridade de caracter, a fé inhabalavel nos principios que constituem o credo do meu ideal politico, que defendo como posso ha bons trinta e cinco annos pelo menos...

Isto quer dizer que, no partido, sou tambem dos mais velhos, por isso duplamente me orgulho de saudar um companheiro como Francisco Antonio de Moura, que se alistou desde longe nas fileiras republicanas e nunca enfraqueceu no ardor das suas crenças, dando aos novos o exemplo da sua tenacidade e da sua propaganda em prol da politica de emancipação que julgára mais em harmonia com os interesses da patria e com o culto das liberdades publicas.

A necessidade culminante de crearmos uma sociedade melhor do que a recebida de nossos paes, e de submetter quanto possivel a Naturesa ao dominio da Sciencia, posta ao serviço das grandes questões que affectam a causa da Humanidade, anciosa pela libertação das consciencias e pela resolução do problema economico e politico, tem feito com que a actividade toda do seculo se refugie na politica e na industria. Ora, se assim é, onde quer que viva, por mais humilde e despido de vaidades que seja, um obreiro fiel á causa da Republica, tão cercada de adversarios desleaes, é necessario proclamar bem alto os seus serviços, a sua abnegação, os seus esforços de trabalho, quer os exerça na politica, quer na industria, uma vez que da sua acção impulsiva e honesta tenha resultado beneficio para a causa publica.

ALBANO COUTINHO.

FRANCISCO ANTONIO DE MOURA

O pobre e o rico não o desconhecem—porque as suas mãos já tocaram as d'elle na commoção intensa de quem recebe alguma cousa—ou para o corpo ou para o espirito.

Alma aberta a todas as manifestações da Arte, elle é como o verdadeiro *jongleur*—maneja o pincel, o artigo, a palavra com a mesma delicadeza, com aquelle *savoir faire* d'um verdadeiro consagrado. Mas tudo isso faz quando lhe apetece, modesto e simples, sem o arrebique pretencioso d'alguns nullos, elevados ao capitolio da popularidade pela mão d'um conselheiro Accacio.

Nem mesmo o que elle fez, ou o que faz sobre Arte, é para o grande publico. Reserva-o para os seus amigos ou então, se dá dinheiro, para os pobres.

Todos nós temos por elle aquella veneração amiga e respeitosa, que nem d'um pae venerando—e na sua fecunda cerebração quantas vezes nós vamos beber n'ella a consolação para uma magua, a alegria para aquelles maus momentos de tristeza e a acalmação para uma irritabilidade ás vezes—quantas vezes!—injusta. Abençoado amigo!

VIDAL OUDINOT.

Ah! que se todos fossem assim...

Placere multis opus est difficillimum.

PUBLIUS SYRUS.

A Francisco Antonio de Moura é dedicado este numero do *Democrata*.

Quem é este homem?

Onde nasceu?

Onde foi baptisado?

A's tres perguntas só daremos uma resposta.

E' um conterraneo. Nasceu em Aveiro.

Do resto, que se importam os senhores, ou que se importa elle com isso?

Quanto ao homem direi que é um desconhecido longe de Aveiro, e que, dentro d'ella, é tão conhecido como qualquer dos habitantes da cidade.

Nós aqui conhecemo-nos todos, e (o que constitue uma grande vantagem) conhecemo-nos por dentro e por fóra, e a justiça da opinião não perdoa a ninguem.

O Francisco Moura é irmão d'outro Francisco Moura. O primeiro, que por signal é o segundo, porque é o mais novo, é boticario, e é segundo, que por signal é o primeiro, visto que é mais velho, é medico pela escola do Porto.

De que fórma se explica esta anomalia?

Como é que cabem dois Franciscos, ambos vivos e idosos, na mesma familia, com o mesmo progenitor?

E' uma coisa, afinal, de facilima comprehensão.

O snr. Antonio Homem, que era um santo homem e pharmaceutico, pôz aquelle nome ao primeiro filho e deu-se muitissimo bem, porque o futuro Doutor Moura (que tambem tem o curso de pharmacia) sahiu-lhe um rapaz esperto e estimabilissimo, e porisso quando lhe appareceu outro menino assentou em dar-lhe egualmente o nome de Francisco e—ó maravilha das maravilhas!—este creou-se tão bom como o antecedente, e tão parecido com elle como duas gotas d'agua limpida, colhidas á mesma hora, no mesmo lago cristallino.

Em resumo:

—De qual gósto mais?

D'ambos.

Têm ambos a veneração da cidade em peso.

Pelo intuito presente da redacção d'este jornal, e só porisso, sou obrigado a fallar d'aquelle a quem esta homenagem é endereçada e não do irmão, e este que me desculpe

o relegal-o para a margem do meu caminho, o que executo, a meu pesar, contra os meus desejos.

Entretanto, para a demonstração que vou realisar, precisamos entender-nos.

Passo a referir-me sómente ao Francisco Antonio, já que o *outro* é apenas Francisco, e esta circunstancia salvadora tornará possivel a minha tarefa.

E' um homem modestissimo.

Tem muita graça.

E' muito caritativo.

Trata de esconder os beneficios que faz, e julga que ninguem os conhece.

Tenha, porém, paciencia, e desculpe as minhas palavras, que o incommodam, arrancando-o á obscuridade em que se compraz em viver.

E' um democrata, puro, sincero, leal. Mas, é mais, é um republicano convicto e sempre foi—republicano e convicto.

A sua coherencia é inexcedivel.

Affavel, jovial, generoso.

Chão, claro, egual, intelligente e intelligivel.

Nunca fez uma acção má.

As que tem feito boas, quem as poderá contar?!

Elle occulta-as, e como uma flôr escondida, que se denuncia pelo perfume, é que veio a saber-se das esmolas, dos conselhos e do auxilio, que elle tem semeado evangelicamente, recatadamente em segredo, que nem o sonhem os anjos.

Em roda dé si acotovelam-se artistas e burocratas, litteratos e ignorantes, miseraveis e remedeados, e em todos os rostos ha, sempre que o contemplam ou escutam, a alegria dos que avaliam que n'aquelle espirito recto não penetra a mais leve sombra da intriga ou que n'aquelle coração não lateja jámais o menor rebate do vil interesse.

A sua consciencia é diamantina.

O respeito, a veneração e a amisade, rodeiam-no e guardam-no, como se guarda um escrinio, sem que elle a solicite ou procure.

A sua honra, mais feliz do que o sol, não tem uma mancha sequer.

A sua palavra é um titulo irrefragavel e sagrado.

E, todavia, este homem é um desconhecido, o que é o justo premio que elle deseja e ambiciona, repudiando o alarde, como esse maravilhoso cacto, a *rainha* da noite—que desabrocha ao crepusculo, vive oito horas cerces e fecha ao radiar fulgente da madrugada, inebriando o ambiente com um aroma delicado em quanto as suas petalas de suaves tintas amarellas e a sua corolla verde-terno e os seus estames afilados e recurvos simulam um beijo d'amor fugaz e vibrante que a aura e o ether levarão ás estrellas do céu.

*

Eu tenho a felicidade de ser amigo de Francisco Antonio de Moura, desde a escola das primeiras lettras.

MELLO FREITAS.

Cidadão prestante

O cidadão prestante, a quem os democratas d'Aveiro rendem hoje merecida homenagem, impõe-se naturalmente a esta consagração, simples e sincera.

As arreigadas crenças republicanas, de que Francisco Antonio de Moura tem sido vivo exemplo, bastariam decerto para definir-lhe o patriotismo, a isenção, a inteireza de caracter e o superior quilate de nobilissimos sentimentos. Actos de eloquente altruismo attestam bem a excellencia da sua alma humanitaria, bondosa e compassiva.

Conheço-o de ha pouco. Cedo, porém, aprehendi da lição de factos impressionantes da sua vida, mercê de narrativa confidente e insuspeita,—traços caracteristicos da magnitude do seu perfil moral, dignos de imitar-se e de enaltecer, bem que para a sua reconhecida modestia...

Encanta a franqueza despretenciosa, a afabilidade terna do seu tracto; captiva a lhaneza de maneiras, e, apezar da austeridade, algum tanto severa e grave, o simples convivio revella de prompto a limpida singeleza de affectividade encantadora.

Saudo, pois, com effusivo enthusiasmo, o venerando cidadão, talvez o *Decano* dos republicanos d'Aveiro! Salvé, cidadão prestante!

PINTO COELHO.

Ao convite para a minha humilde collaboração no *Democrata*, em homenagem ao meu velho amigo e correligionario Francisco Antonio de Moura, não podia eu deixar de accorrer com a minha sincera adhesão, applaudindo calorosamente a iniciativa tomada pelo jornal dos republicanos d'Aveiro.

Reputo-a um acto de bem merecida justiça, porque um convivio de largos annos permittiu-me conhecer o fino espirito e o bello caracter do prestante aveirense que, como homem de principios, de firmes e arreigadas convicções, se tem sacrificado denodada e nobremente pelo Ideal politico que abraçou com a fé viva e a crença inabalavel no triumpho da sua causa, e a esperança no resurgimento da Patria.

Aveiro, 7—VIII—1908.

CUNHA COELHO.

O nosso Moura

Honroso e muito grato é para este jornal dar hoje publico testimunho do alto aprêço em que tem a pessoa do snr. Francisco Antonio de Moura, se não o mais antigo, pelo menos um dos mais velhos republicanos aveirenses, e cujas virtudes são avaliadas, como merecem, pelos seus conterraneos.

O *Democrata* sente-se verdadeiramente orgulhoso da homenagem que presta a tam illustre quanto honesto cidadão.

Francisco Antonio de Moura—ou o Moura pharmaceutico por que é mais geralmente conhecido—é um d'aquelles raros homens que sabem, mercê das superiores qualidades de seus caractéres, insinuar-se no espirito dos que de elles teem ensejo de acercar-se.

Possue, por isso, muitos amigos em todas as classes sociaes.

Medicos, advogados, engenheiros, capitalistas, negociantes, artistas, todos emfim admiram e olham Francisco Antonio de Moura com subida veneração e respeito. Mais do que isso:—tributam-lhe um carinhoso affecto.

A sua pharmacia, um centro de agradavel e honesta cavaqueira, foi sempre uma escola de propaganda republicana, mas de propaganda a valer.

E, quantas vezes, em periodos criticos para as instituições, *que felizmente nos regem*, ella ha sido vigiada e especialmente recommendada á *bufaria!*

Se é verdadeiro, como ahi se affirmou em seguida ao regicidio, ter-se confeccionado, em janeiro ultimo, uma lista de condemnados á deportação pelo frankismo local, Moura pharmaceutico haverá figurado, inevitavelmente, na cabeceira do negro rol.

Francisco Antonio, que desde a sua já longinqua mocidade anceia por vêr estabelecida a Republica em sua e nossa Patria, é, ainda hoje, um infatigavel trabalhador em defeza dos principios democraticos. E tão crente está de que Portugal só póde salvar-se pela adopção do regimen republicano, que elle, para a implantação da Republica, daria de bom grado a ultima gôta do seu sangue.

Alma generosa e incapaz de albergar em si o menor sentimento de inimizade seja para quem fôr, quando se trate de um particular, Moura é, comtudo, inimigo encarniçado de todos aquelles que votando um desdem inconcebivel ás classes trabalhadoras, que elle muito preza, arrastaram este malfadado paiz até ao estado de decadencia, descredito, rebaixamento e ruina em que o vemos.

Contra esses, Francisco Antonio de Moura é inexoravel.

Deve o Partido Republicano muitos e assignalados serviços, ao Homem, cujo retrato hoje publicamos, os quaes são tidos em alta conta pelos principaes vultos da Democracia Portugueza.

Francisco Antonio de Moura não é tão desconhecido como a muitos poderá parecer. Elle, na sua modestia, tambem julga isso. Nós, porém, podemos affirmar o contrario.

DARIONÉSDRES.

THALASSAS E JESUITAS

A catholica *Palavra*, aquella thalassica e jesuitica *Palavra*, antro de odios e de manejos da seita negra, trazia ha dias a descripção do horroroso supplicio do Duque de Aveiro e dos Tavoras, implicados na conspiração contra D. José.

Todos conhecem o que foram essas execuções — um horror como as da Inquisição.

Esmagaram a pancadas de maço as cannas das pernas e braços das victimas, rodaram-as, arrancaram-lhes, com tenazes, pedaços de carne, cortaram-lhes as cabeças, obrigaram uma infeliz mãe a assistir, no cadafalso, a um tal supplicio do filho e do marido, queimaram-lhes os cadaveres esphacelados e, por fim, deitaram as cinzas ao mar.

Tudo isto foi ordenado pelo marquez de Pombal, ministro de D. José, um grande homem mas um grande carrasco, com quem João Franco se quiz comparar e com quem realmente se comparou no odio, no rancor, na perseguição, em tudo quanto de abominavel se encontra na figura de Sebastião de Carvalho.

Pois a catholica *Palavra*, que diz defender as doutrinas de Jesus, o meigo e amoravel nazareno, que morreu implorando perdão para os seus verdugos, essa catholica e santa *Palavra*, mostrava o quadro ao snr. Ferreira do Amaral d'uma maneira tal que pouco lhe faltava pedir que se levantasse novamente o cadafalso e se repetisse para os crimes politicos de hoje o supplicio dos Tavoras.

Muito jesuita negro e asqueroso, muito thalassa odiento e repugnante, rejubilou com a prégação da *Palavra* e houve reverendo, hypocrita e abominavel, jesuita e thalassa, que esfregou as mãos de contente e fez invocações ao makavenko a pedir o levantamento do cadafalso e a resurreição das scenas sangrentas da Inquisição.

Não se saciaram com as perseguições do bandido chefe, e querem sangue, mais sangue, mais despotismo, os canalhas!

O grande amigo do povo soffredor, ao seu lado sempre contra todos os delapidadores, todos os tyrannos e todos os poderosos, foi esse admiravel e humilde Christo. Nunca á face da terra aparecerá figura mais dôce.

A Republica não guerreia a crença de ninguem. N'ella caberão catholicos, protestantes ou mahometanos.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.

COM A NOSSA POLICIA

Para que serve ella?

Ninguem sabe. Todos lhe tecem o mesmo elogio: que é inoffensiva, mas ninguem diz para que serve.

Todos sabem o que ella não faz, que é quasi tudo o que deve fazer, mas o que ella faz de utilidade é que ninguem sabe. Nós tambem não sabemos, mas esperamos que o snr. commissario o pergunte aos seus subordinados.

Pergunte s. ex.ª aos seus subordinados se não vêem descarregar barcos de junco no caes da Escola Industrial; se não vêem pelas ruas da cidade cães á solta e sem açame e se não vêem muitos outros abusos que a todos fazem crêr que a terra não é cidade ou que a cidade não é civilisada.

Agora esta pergunta, mais uma vez: que diligencias se teem feito para descobrir os auctores dos assaltos das estradas de Eixo e Angeja?

Está ahi gravemente ferido o estudante Abreu, sobre quem os meliantes, com manifesto intuito de assassinio, dispararam uns poucos de tiros de rewolver. O caso é muito grave.

O estudante Abreu affirma que um dos que o assaltaram devia ficar ferido no rosto.

Ao estudante Abreu foi roubada uma carteira com 7$000 réis.

Os assaltantes eram tres ou quatro.

Que diligencias tem feito a policia para descobrir os auctores do crime?

*

Contou-nos pessoa de todo o credito que em uma das noites da semana passada se commetteram varios desacatos na rua do Gravito. Parece que houve n'essa rua, em plena cidade, uma tentativa de arrombamento.

Pois n'essa rua não appareceu um só guarda, essa rua não foi policiada n'essa noite.

Recommendamos o caso ao snr. commissario.

*

Outra pergunta ainda: porque é que tendo-se ordenado que os vehiculos ascendentes e descendentes não passem pela mesma ponte, para o transito alli não ser difficil e perigoso, o que achamos muito bem intendido, porque é que se não prohibe a passagem dos carros de palha e junco pela rua Direita, que é acanhadissima?

Um carro de palha, ás vezes, tapa por completo a rua, e não só a suja, mas impede o transito dos outros carros, e dos peões.

Ha dias, vimos alli o automovel d'uns excursionistas estar largo tempo parado á espera que um carro de palha lhe desse passagem, o que deu logar a justificadas queixas dos visitantes.

Tambem recommendamos isto ao snr. commissario e á camara.

*

Porque será que tudo o que diz respeito á corporação está a desandar para o antigo pé, sobejamente escandaloso para se dever evitar?

CARTA DE LISBOA

6 de agosto de 1908.

Eu leio a imprensa republicana com uma attenção crescente, porque n'ella vejo a linguagem da Verdade, porque as suas palavras são as que mais calam no meu espirito.

No entanto, á imprensa monarchico-reaccionaria, não se passa um só dia em que eu lhe não dispense um modesto quarto d'hora.

E' uma leitura de fugida, como quem procura no jornal alguma coisa que lhe interessa particularmente.

E encontro sempre uma coisa que me prende a attenção, e que confesso, não desejaria encontrar: O odio pela Verdade, quer disfarçado n'um bom humor polvilhado de ironias, quer francamente exposto com a mais descarada reacção.

De fórma que o meu despreso pela imprensa rotativa, cresce em relação á minha adoração pela imprensa republicana.

D'esta fórma consigo, que no meu espirito se conserve a corrente revolucionaria, que me fará marchar de encontro a todos os perigos que, ameaçando a minha Patria, não deixarão de brigar contra os meus sentimentos patrioticos.

E o que acontece commigo, acontece com todo o portuguez, que se interessa a valer pelo futuro do seu paiz.

Se a imprensa rotativa não existisse, a imprensa republicana não tomaria as actuaes proporções da força.

Actualmente é ella um baluarte inexpugnavel.

E quem lhe deu essa força?

Na realidade foram os seus adversarios, esses que, querendo encobrir e justificar «erros que de longe veem», quando teem no poder os seus patrões, e fazendo precisamente o contrario quando fóra d'elle, levaram o povo (que vê) á conclusão de que a sua acção tem

sido fatal para os cofres publicos.

Eu leio-os como disse, mas faço altas diligencias para n'essa leitura não gastar cinco réis.

E' que na realidade esses jornaes defensores de adeantadores e adeantados, devem ser impressos á nossa custa, calcúlo, dada a insufficiencia da sua venda.

Por isso eu os leio, e não pago... duas vezes!

A imprensa é o meu *petit dejeuner*.

Mal salto da cama, leio:—João Chagas.

E' o meu diario, a primeira badalada de... álerta, nas minhas convicções.

O que me diz elle? Coisas que eu sei, que hontem me passaram pela ideia.

João Chagas plagia-nos o sentir; João Chagas é a Verdade.

Na realidade,é esta palavra só que elle escreve todos os dias, embora enchendo uma columna.

O seu nome só, é uma columna cheia!

No fim das *suas Razões* ou do seu *Diario Livre*, João Chagas, pondo o seu nome, traça uma barrete phrygio.

Leio depois Mayer Garção: «Phylosophia sã», «amor pelos desprotegidos», «um chicote para os tyrannos».

São os dois pratos da balança; no meio a lei:—Cunha e Costa.

Com esta triologia *O Mundo* é um tribunal.

Quem elle condemnar justamente, fica irremediavelmente perdido perante a opinião publica.

A seguir, leio a *Lucta*. E' a minha Biblia; a sua prosa pessoalissima, é como que um calmante dictado ao povo. E' a leitura *amusante* que acalma e excita. Prudencia, sobriedade argumentativa, contas certas.

Lendo estes dois jornaes,tão differentes no estylo e tão irmãos na lucta, o meu civismo fica bem.

E' á sombra d'estes que eu leio os outros.

O estanqueiro não gosta... mas... é que um freguez diario não é para desprezar.

Pégo no *Popular*. Tem a palavra o ex-imperador da China.

Succursal do *Portugal: Diario Illustrado* quando poder. Alli não se maneja a pena, mas sim o arrocho.

E' uma litteratura de *rasteiras* só egualada pelo *Correio da Noite* e *Illustrado*.

A' tarde leio a *Epoca*, tribuna do patusco *Dunguinha*, que tudo sabe, mas não diz nada.

Retirando-lhe Silva Pinto com a sua chronica diaria,*Entre nós*, o resto do jornal dános a impressão de ser escripto pelo *Tlin!*

Estou em crêr que os calores brazileiros derreteram qualquer coisa na pinha do impagavel *Dunguinha*.

Tem talento, mas falta-lhe uma coisa que eu cá sei.

E são estes os meus jornaes predilectos, com os quaes não dispendo senão 20 rs. diarios!

IGNOTUS.

NOTICIARIO

A ponte das Portas d'Agua

Graças á Providencia, continua ainda de pé este *engenho da perrice* a que dão o nome que nos serve de epigraphe.

Será um milagre passar a temporada dos banhos a *são e salvo*.

Por cautella, porém, prevenimos os passageiros dos carros e automoveis, que é mais previdente apearem-se á entrada do *estafermo*, não vá o *diabo ás vezes ser tendeiro*...

Gallitos

Com uma tarde magnifica e abundancia de espectadores realisou-se, no domingo, a *garraiada* do Club dos Gallitos.

Assistiu a musica Nova, de Ilhavo, que não se cançou de executar o hymno da carta. Por *dá cá aquella palha* era hymno p'ra direita e hymno para a esquerda. Que *cartistas!*

A' hora marcada, entrou na arena a valente *cuadrilha* e o destemido cavalleiro, que pouco, ou quasi nada, fez durante a lide por se não prestar o rocinante—um cobardão que o Antonio Couceiro, no auge do desespero, castigou no final com um ferro, sendo, por isso, com justo motivo, geralmente pateado.

Da gente de pé apenas se salientou Antonio Pato (o Falta de ar) que teve dois pares muito soffriveis. Francisco Encarnação esteve infeliz. Foi colhido de entrada e maltratado n'um pé pelo cornupeto que lhe destinaram, ficando desde então impossibilitado para o combate.

Houve boléo em barda, como é de uso e costume, provocando alguns d'elles geraes gargalhadas.

O «gadinho», que era esperto e de muito pé, estava bem tratado e satisfez.

Educação feminina. Um bello exemplo

No dia 3 do corrente terminaram no lyceu de Aveiro os seus exames da quinta classe, sahida do curso geral, as ex.mas sr.as D. Maria Clementina e D. Maria das Dores Monteiro Rebocho,gentis filhas do nosso respeitavel amigo snr. Jacintho Agapito Rebocho.

As intelligentes e estudiosas senhoras, que foram as primeiras a apresentar-se a exame de classe no nosso lyceu e a frequentar os seus bancos, fizeram,n'aquelle estabelecimento de ensino, um curso muito distincto, obtendo nos ultimos exames a alta classificação de 13 valores, havendo só 2 alumnos internos que alcançaram media superior—14 valores.

Damos a suas ex.as os nossos parabens, não só pelo bom resultado dos seus trabalhos, mas tambem por serem as primeiras senhoras, que, com todo o dessassombro e com uma admiravel comprehensão da vida moderna, frequentaram o lyceu de Aveiro.

O snr. Agapito Rebocho, chefe d'uma das mais illustres familias de Aveiro, dando a suas interessantes filhas uma tam solida educação, mostra possuir um espirito moderno e seguramente orientado, ao mesmo tempo que deu um exemplo digno de ser seguido por todos os paes e que representa para a educação do acanhado meio aveirense um incentivo muito importante, digno de todo o elogio.

Consta-nos que as intelligentes academicas vão continuar em Coimbra o curso do lyceu, complementar de sciencias, com destino á faculdade de medicina ou de philosophia.

Publicações

Recebemos, respectivamente, dos snrs. Vidal Oudinot e Luiz Couceiro, um livro de poezias intitulado: «Natureza» e uma comedia em verso, que o seu auctor cognominou: «A dama de ouros».

Vamos lel-os e, em tempo, faremos aqui a devida apreciação.

Desde já, porém, agradecemos as offertas que dos mesmos livros se dignaram fazer-nos.

Garraiada

Realisa-se ámanhã a garraiada projectada pela Associação dos Bateleiros, a qual,segundo o programma, promette grandes surprezas. Antonio da Costa, nosso estimavel patricio, ha muito retirado do toureio, por motivo de saude, reapparecerá na arena lidando um dos garraios. Exhibir-se-ha um grupo de mascaras que, depois de dançar o tradicional tango, toureará um dos bichos á *Pae Paulino*.

E' de esperar uma enchente á cunha e, por isso, farta *massa* para o cofre da sympathica Associação.

Gralhas

No e litorial do ultimo numero sahiram por virtude de pouco cuidado da revisão algumas gralhas, das quaes pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

Crime repugnante

Mais um crime repugnante acaba de se commetter n'esta cidade, por um pae desnaturado, e isto pela fórma mais preversa que imaginar se póde.

Caetano da Silva se chama essa creatura odiosa, auctor do selvatico crime, e que por ter a profissão de vendedor de carnes verdes, é por isso mais conhecido pelo nome de «Carneireiro».

Esta féra com fórma de gente, sem a mais pequenina parcela de sentimentos humanos, acaba de ser accusado de ter desflorado duas proprias filhas, uma de 14 e outra de 16 annos!

D'ahi, o estar já preso nas cadeias d'esta comarca, á espera de dar contas á justiça pelo seu nefando crime.

«Independencia de Agueda» e «Democracia do Sul»

Ha muito tempo que não recebemos estes nossos illustres collegas.

A's suas administrações pedimos providencias.

A Cezar o que é de Cezar

Na nossa local do ultimo numero sobre o concurso de tiro na Gafanha, dissémos que a medalha de ouro do Campeonato fôra offerecida pelo nosso amigo e correligionario snr. José Craveiro, de Ilhavo. Engano lamentavel, porque quem offereceu a medalha foi o snr. Eduardo Craveiro, que é realmente nosso amigo e que é realmente nosso desassombrado correligionario.

Os srs. José Craveiro e Eduardo Craveiro apezar de serem irmãos, ambos ourives-relojoeiros de Ilhavo, não pódem por nós ser confundidos.

A ambos pedimos desculpa do engano, mas muito especialmente ao snr. José, por lhe virmos lembrar peccados velhos e assim, involuntariamente, offendermos suas crenças thalassicas de ex-republicano muito fervoroso e convicto.

Senhora das Neves

Com brilho e pompa superiores aos dos annos antecedentes, devem celebrar-se hoje e ámanhã, em Angeja, as festas em honra da Senhora das Neves, as quaes constarão de arraial com duas philarmonicas, a «Angejense» e «Velha», de Ovar, descantes populares, aerostatos, deslumbrantes illuminações á moda do Minho, a cargo do illuminador José de Sousa que se notabilisou em Lisboa com os seus trabalhos, quando das estadas de Loubet e Affonso XIII e ainda lindos fogos de artificio por afamados pyrotechnicos de Vianna do Castello, que apresentarão foguetes de completa novidade, de surprehendente effeito, verdadeiras maravilhas da arte.

Amanhã, á noite, constituirá um dos numeros mais attrahentes do programma o festival junto ao Vouga, no vasto e pittoresco areal, que será caprichosamente illuminado á moda do Minho, bem como alguns barcos. Desde as 8 até á meia noite tocarão alli as citadas phylarmonicas, havendo, como hoje, deslumbrantes foguetes de Vianna do Castello, descantes, aerostatos, etc.

Consta-nos que de Aveiro seguirão hoje para Angeja muitos forasteiros a fim de gozarem os citados festejos.